135 Ovar, 20 de Dezembro de 1908 Anno III

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A Reducção dos Juros na Divida Publica

Como julgamos inevitavel uma nova reducção dos juros—será bem lembrar o que se passou em 1892 n'uma igual crise financeira aquella em que nos achamos—e ouvir o que nos aconselhou e preveniu o snr. Marianno de Carvalho.

Convém saber-se, para se poder fazer com sinceridade, clareza e precisão a historia da crise financeira que o paiz atravessa desde os fins do anno de 1890, que no ministerio presidido pelo sr. João Chrysostomo de Abreu e Souza (maio de 91 a janeiro de 92) e de que fazim parte os srs. Lopo Vaz (*reino*) Marianno de Carvalho, (*fazenda*), João Franco Castello Branco (*obras publicas*), Moraes de Carvalho (*justiça*), conde de Valbom (*estrangeiros*), e Julio de Vilhena (*marinha*)—duas ou tres vezes se resolveu em conselho de ministros ser indispensavel a reducção do *coupon*, e principalmente a reducção do *coupon* externo. Todos os ministros d'então concordaram n'este ponto, assim como fez depois o sr. Oliveira Martins, ministro da fazenda do gabinete presidido pelo sr. José Dias Ferreira.

Vejamos em que o processo do gabinete João Chrysostomo diferia essensialmente do que seguio o gabinete José Dias.

Chegado o sr. Oliveira Martins, successor do sr. Marianno de Carvalho, á camara dos deputados (sessão de 30 de janeiro de 92) abriu a fallencia officialmente, por que não era outra coisa a declaração de que não era possivel pagar os *coupons* da divida publica. Na phrase vulgar: *entregou-se aos credores*. Ora quem se entrega aos credores, primeiro ha de soffrer-lhes a lei; depois em regra generalissima se ha de abster de pedir-lhes dinheiro emprestado; emfim, não pode de modo nenhum pedir emprestimos a terceiros. Pois o sr. Oliveira Martins reconhecia e necessidade de um emprestimo, e teve a idéa de o pedir depois de aberta a fallencia. D'ahi lhe veio a succeder, que não obtinha dinheiro, ou que, se por milagre o obtivesse, era para ficar quasi intregalmente nas mãos dos credores. Um emprestimo, de que pagavamos os encargos sem ficarmos com o dinheiro!

Mas não foi n'isto apenas, que se resumiu a concepção governativa do sr. Oliveira Martins. Tambem pediu ás camaras autorisações plenas para poder resolver tudo, sem nova votação parlamentar, o que era desarmar-se na discussão. Os governos, quando se veem a braços com exigencias externas, quer sejam diplomaticas quer financeiras, defendem-se com as difficuldades que determinadas concessões poderão causar na opinião publica e principalmente nas côrtes. E' das taticas mais conhecidas. Ora o sr. Oliveira Martins não só inutilisou esta arma, mas fez mais, porque foi entregal-a ao inimigo, visto que os famosos *comités* só contractavam *ad referendum*, devendo os seus convenios ficar sujeitos á ratificação dos portadores de titulos.

Em segundo logar a lei auctorisava a concessão de 50 °/₀ em ouro. È claro que, fixado este limite na lei, os credores não pediriam menos e com certeza até exigiram mais, posto que se começava pelos 50 °/₀ e se ia augmentando em periodos determinados,

Em terceiro logar deixava-se ao livre arbitrio do governo o ser ou não reduzido o capital, e claro estava que, armado o gabinete com auctorisação de não reduzir o capital, de certo não consentiriam os, como não consentiram, na reducção do capital, que era da maxima importancia e que se pode affirmar ser resultado conseguido antes da queda do gabinete João Chrysostomo.

Do que eram os *comités* francezes se pode dizer em poucas palavras.

Primeiro, formou-se em fevereiro de 1892 *Union des porteurs français de rentes portugais*, ou *comité* Garié, em que figuravam o sr. Jean Garié, que ninguem conhecia, o baron Coppens ex-director geral das contribuições directas, o sr. de Sant-Hilaire official reformado, o sr. Benard ex-perfeito, o sr. Chabord official reformado, o sr. Brannin ex-recebor de decimas, o sr. Fraysset, (não confundir com o sr. Freycinet, antigo presidente do conselho, em França) o sr. Duchemin advogado, e o sr. Roger ex-addido de embaixada. Seriam muito boas pessoas; mas a sua importancia no mundo politico e financeiro francez, era absolutamente nulla. Protestavam ter muitas adhesões de portadores de titulos; mas todos os *comités* allegam sempre o mesmo sem o provarem, e quasi nenhum tem qualquer importancia em titulos. Por isso allegam e não provam.

Veiu depois o *comité* Maiziéres e May; que era da mesma valía, a respeito de cuja constituição e representação nem ha vestigios no ministerio da fazenda. Foi com esse, que o governo do sr. José Dias Ferreira principalmente tratou; mas da sua valía se pode fazer idéa pelos seguintes factos.

Um dos seus membros era o sr. Bénard, conhecido em Lisboa como pequeno corrector de jogo de bolsa. Esse protestou com o resto do *comité*, gritou com elle, mas, quando o sr Dias Ferreira publicou o decreto de 13 de julho, a despeito dos seus collegas deu-se pressa de annunciar, que se encarregava da cobrança dos *coupons* ao terço. Outro era um jornalista francez, que começou por guerrear o *comité* e acabou por composição, entrando n'elle com a clausula de lhe abandonarem os negocios da Companhia Real. Outro que veio a Lisboa era se luctor de um pequeno jornal de bolsa, d'aquelles cujo mechanismo é assaz conhecido.

Esses *comités* diziam as maiores insolencias ao nosso paiz e escreviam n'um relatorio official, além de outras cousas:

«Confessando a ímpotencia para cumprir as suas obrigações, Portugal colloca-se na situação do devedor que não paga as suas dividas, e por esse simples facto auctorisa os credores a verificar a sua situação, a ver se a extensão dos sacrificios que lhes são exigidos está em relação com o estado das finanças, e a tratar emfim o Estado que não paga como qualquer credor trata o seu devedor».

Foi isto o que produzio facto de se proclamar a bancarrota *officialmente* em côrtes e no meio dos geraes applausos d'estas.

O procedimento que o gabinete João Chrysostomo queria seguir era bem differente d'este, e por isso mesmo se esforçou por pagar tudo até se chegar ao arranjo final, afim de que Portugal não pudesse ser tratado como bancarroteiro vulgar.

Essa politica do gabinete João Chrysostomo exigia muito trabalho, muitos dissabores, muitas contrariedades, muitas angustias até, mas em compensação os resultados deviam ser bem diversos dos obtidos pelo gabinete que lhe succedeu no poder, em janeiro de 1892.

Tratava-se com os credores na posição de devedor honrado, que faz os maximos sacrificios para pagar tudo quanto deve, que lucta até a ultima extremidade para congregar os meios de acção e de resistencia, e que no momento opportuno, sem ninguem ter direito de lhe fazer imposições, dode dizer aos credores:

—«Tenho cumprido tudo quanto tratei comvosco, mas, se continúo, vou direito á ruina e com a minha virá tambem a vossa. Se quereis prestar-vos a alguns sacrificios e auxiliar me, podemos regular o presente e preparar futuro em que sejaes indemnisados dos vossos prejuizos actuaes. Os nossos interesses são communs e congregando-os de boa fé, todos nos salvaremos. De modo opposto nada mais conseguireis, e arriscae-vos a prejuizos totaes.»

Esta linguagem encontraria de certo quem lhe désse ouvidos entre a gente séria e entre os verdadeiros interessados, e acceitas as suas condições bem podia regularse o presente e preparar melhor futuro. De que tudo isto não era nenhuma utopia estão dadas as provas nos accordos preparados pela Companhia Real, pelos quaes os obrigacionistas concordaram todos ou quasi todos, em reducção de parte importantissima do capital que lhes era devido, perdendo um terço, adiando os encargos do outro terço, e ficando só a receber o juro e amortisação do terço restante. Tanto ou mais conseguiria o Estado, que tinha outra força, outros interesses a fallar por elle, e que em dezembro de 1891 podia contar com a benevola cooperação dos governos de duas grandes potencias. Pago o *coupon* de janeiro de 1892, não havendo mais nenhum antes de abril, devia o governo empregar os tres mezes disponiveis em negociar o accordo, não com os famigerados *comités*, mas com outras mais poderosas e influentes entidades, não podendo ter-se concluido tudo antes, porque trouxe invenciveis demoras a fatal doença de Lopo Vaz.

Em fins de dezembro de 1891 podia affirmar-se que já era admittida a reducção do capital da divida e dos seus encargos immediatos a metade; que podia contar-se com um emprestimo de 22:500 a 27:000 contos effectivos, dos quaes ainda que destinassemos 13 mil contos ao pagamento de dois annos de *coupons*, ficavam 9 a 14 mil contos disponiveis para reforçar as reservas do banco de Portugal e restabelecer com prudencia a base metallica indispensavel da nossa circulação.

Os pontes que restava discutir e resolver não apresentavam difficuldades insuperaveis, antes se lhe via possivel resolução.

Mas não eram estes os unicos meios com que o sr. Marianno de Carvalho, ministro da fazenda da epoca, contava para restabelecer a situação.

Outros planeava e sobres elles entabolára negociações, já bastante adiantadas para se prevêr favoravel exito para todos, ou para a maxima parte. Essas operações deviam proporcicnar ao paiz e ao thesouro cerca de 20 mil contos em ouro, sem sacrificio de juros ou amortisações, sem alienação da propriedade nacional na Europa ou no Ultramar.

(Continua).

Marianno de Carvalho.

THEORIAS E APRECIAÇÕES LITTERARIAS

II

Dá-nos como razão o ser a personalidade sempre odiosa, como já dissemos. Confunde, como se vê, o egoismo com o modo de sentir particular a cada artista ou poeta, e indispensavel n'uma obra d'arte ou a quem precisa de inspirar-se e que, por muito pronunciado que seja, como em Rousseau, em Goethe, em Chateaubriand, por exemplo, está longe de ser odioso. Saliente é a personalidade nos seus escriptos, mas devemos separal-a da indifferença, orgulho ou excesso de amor proprio, com que se mostraram desprezadores dos seus rivaes e em geral dos seus contemporaneos.

Ao methodo critico, indagador de tudo o que possa influir psychologicamente no poeta e no artista, refere-se ás vezes o sr. Theophilo, encarecendo-o. Ora, para que se indagam a raça, o meio, a familia, a educação, os incidentes da vida, etc, senão para se conhecer e avaliar a personalidade?

Grande contradicção!

Demais, não ha homens que se exclúam da humanidade, não ha caracter tão pessoal em que não entrem elementos geraes. Os Werthers, os Manfredos, os Rénés, os Obermanns, os Adolphos, tidos por excentricos, exprimem comtudo uma disposição moral que se disse —a doença do seculo.

Ser original não é ser singular.

No lyrismo palpita sempre a alma do poeta; e, se os seus cantos não deixam de impressionar, é porque entre estes e os outros homens ha sympathia e conformidade.

A intelligencia e a sensibilidade, como fundidas uma na outra, geram as verdadeiras obras d'arte, nas quaes se observam um caracter geral e duravel que pertence á humanidade e á natureza, e um caracter individual, privativo de indole de cada artista. N'iste consiste a originalidade, que se distingue da phantasia. Esta é caprichosa e singular: são vãs e sem verdade as suas producções, que só podem divertirnos, mas não despertam uma impressão sincera e profunda.

O que mais impressiona vem do sentimento concreto da vida e este deve o artista possuil-o em subido grau: a analyse disseca-o, substituindo ás impressões as idéas abstractas, que satisfazem ao espirito, mas não produzem o gozo.

O philosopho comtudo deseja conhecer a acção, que o mundo nas suas manifestações variadas exerce sobre a sensibilidade, e juntamente as influencias que a modificam, como o estado social, as idéas dominantes, e o espirito moral e religioso das gerações e das raças.

A poesia é como a fé, e a vida: commove, provoca uma adhesão sincera d'alma, em que faz nascer um encanto que se sente e não se explica.

Sob o influxo das emoções estheticas se produz esse estado de electricidade moral em que tudo se torna assimilavel ao genio e este sympathico, por tudo que sabe crear, a todas as epochas. Vê elle o que o indifferente não pôde vêr: de relance eil-o que se illumina e impressiona, e uma série de pensamentos e imagens que um momento antes ignorava, se lhe desdobra á luz que o inflamma, como se fosse uma visão inesperada.

Quem explica a extrema rapidez de certos talentos, que descobrem as relações mais remotas d'um objecto, ou d'uma idéa, comparam, generalisam e alcançam as conclusões mais distantes dos principios, quasi sem consciencia das operações mentaes que executam em si mesmos, ou sem passarem por todos os pontos intermedios d'um argumento logico? Acontece o mesmo com os poetas, mas n'outro sentido: é a vida mesmo e as suas impressões idealisadas o que elaboram na sua alma apaixonada.

Das mesmas scenas, dos mesmos sentimentos, emfim, essas organisações privilegiadas, conservando sempre o typo geral e verdadeiro, sabem extrair sensações diversas e animal-as d'uma vida nova; e se por tal se dizem originaes e creadoras, merecem muito mais estes titulos quando uma idéa não explorada entra na obra d'arte fazendo variar o ponto de vista d'onde se encara a existencia: e assim a philosophia antipathica ao talento poetico, porque lhe altera o modo d'acção de suas faculdades, pode, comtudo, aproveitar-lhe.

Convença-se o nosso mestre de que a personalidade não póde ser eliminada da poesia e em geral da arte.

III

Se as composições litterarias reflectem quasi sempre as idéas, sentimentos e crenças da sua epocha, e do seu paiz escapam os talentos creadores a esta regra, isto é, ao predominio do espirito geral, ou do *meio* em que se educam.

Se assim não fôra, o que seria a originalidade?

E para que se note não serem os *meios* tão influentes, como se pretende, basta attender ás diffe-

renças radicaes entre muitos escriptores contemporaneos.

De que *meio* sairam *Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriant*, e *Lamartine*, por exemplo?

Que sensivel contraste não ha entre elles e os outros prosadores e poetas do seu tempo?

IV

Já que o nome do auctor das *Meditações e das Harmonias*, tão mesquinhamente avaliado pelo nosso Mestre, nos cahiu agora da penna, corrijamos o conceito ácerca d'este grande poeta, justificando ainda a opinião que vamos expondo.

Quando appareceu Lamartine, é verdade que já o *Genio do Christianismo* havia reconduzido aos templos as almas catholicas saudosas do seu culto, que nunca hes fôra tolhido, como *falsamente se assevera*.

Mas as poesias de Lamartine, excepto algumas com uma leve côr christã, e vê-se que é convencional, se são religiosas não respiram a orthodoxia. A sua educação mesmo não foi catholica em rigor, do que as *Confidencias* nos informam.

Nem a educação domina tanto um espirito superior, que este não venha a repellir as creanças que na infancia lhe incutiram —o que é sabido.

A duvida, a vaga aspiração ao que o mundo não satisfaz, os mysterios do destino, o desespero e a tristeza, que invadem o coração humano, a quem *a fé não consola*, Deus sentido na natureza, mas sem que os dogmas intervenham na idéa da sua existencia, taes são os caracteres geraes das suas inspirações poeticas.

O ideal resuscitou nos seus cantos, o infinito tomou outra vez posse da alma humana.

A epocha era sensual e materialista: — Lamartine espiritualisou-a.

Desde 1820 Lamartine palpitou no coração da França, que amou, sonhou, soffreu, esperou e se enterneceu com os seus versos.

De todas as emoções verdadeiras, puras elevadas, é a sua poesia um echo que sempre se repercute e ouve com delicia. Onde está o *meio* que produziu Lamartine?

Não é de nenhum genero especial—não pertence a nenhuma escola.

O grande poeta, sem embargo do seu deismo, é da acção ou da vida universal que realmente se inspira.

Por ahi até os actuaes positivistas devem ficar satisfeitos.

A sua vaga religiosidade nada tem da fé christã dogmatica—nem na poesia, que intitulou—*La Foi*:—apenas n'outra dedicada a *M. Genoude*, que se fez padre, resume a poesia biblica, mas por *mero exercicio d'arte*.

Os editores, mesmo *Didot*, instruido e poeta, não quizeram imprimir as *Meditações* por não corresponderem ao gosto da epocha.

(Continúa)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

CONSELHOS

PARA ESCOLHER ESPOSA

Não sejam as leitoras egoistas, e permittam que insiramos aqui, tambem, um conselho para os homens, um conselho amigo, e, segundo nos parece, muito aproveitavel.

—Quando uma mulher te agradar, leitor benevolo, e houver da tua parte disposição para o casamento, procura primeiro que tudo, se possivel fôr, surprehender uma mulher na cosinha—o que é já de muito bom agoiro. Se ella se não desculpa, se não se envergonha de ser surprehendida em trabalhos grosseiros, fica certo de que possue um juizo são e um raciocinio bem orientado.

—Procura depois vel-a sair em dia de mau tempo:—se se envolve cuidadosamente n'um simples casaco de abafo ou de borracha, levando na cabeça um chapeu do inverno passado, evidentemente para não inutilisar com o aguaceiro o chapeu de que ultimamente fez acquisição, essa mulher não te arruinará, com certeza, em vestidos espaventosos e chapeus caros.

—Se a vires arranjar carinhosamente as flores n'um vaso, compor a préga mal feita d'uma cortina, dispor as cadeiras e os moveis de modo commodo e gracioso; essa mulher ama infallivelmente o lar domestico, o interior da sua casa, simples e modesta; não correrá a bailes, não gostará de festas, será o anjo da familia, e tua felicidade em summa; desposa-a, se te agrada, e não procures saber se é rica ou pobre. O ponto está em que assim a encontres.

NOTICIARIO

D. Clara de Miranda

Não tem experimentado melhoras a ex.ma sr.a D. Clara de Miranda, distincta collaboradora d'este semanario.

TEMPO

Tem sido extraordinarissima a quantidade de agua, que tem cahido estes dias.

Hoje, á hora a que escrevemos, faz tempo secco, mas frio.

Veremos se o anno novo entra secco, se molhado ..

PESCA

Tem havido bastante sôlha e enguia .. do rio, pois que o mar não consente, que se metam os apparelhos.

Legado

A camara municipal d'este concelho recebeu, esta semana, a quantia de 976$291 réis resto da liquidação da herança, deixada pelo benemerito Fulgencio José da Costa Guimarães, da cidade de Braga, ao Hospital da Misericordia d'esta villa, e a outras instituições congeneres.

Bem haja, quem ao producto do seu trabalho, dá applicações tão nobres e altruistas.

Juros d'inscripções

Acham-se em pagamento, na recebedoria d'este concelho, em todos os dias uteis até ás duas horas da tarde, os juros d'inscripções e coupons.

NECROLOGIA

Falleceu o sr. José Maria da Graça Soares de Souza, do Largo de S. Pedro, d'esta villa.

A' familia enluctada os nossos sentidos pezames.

Associação de Soccorros Mutuos

Reuniu, no domingo ultimo, a assembleia geral d'esta associação, afim de eleger os corpos gerentes para o futuro anno de 1909. Eis o resultado da eleição:

Assembleia geral

Presidente—Conselheiro Antonio dos Santos Sobreira.

Vice-presidente — João Ferreira Coelho.

Direcção

Presidente Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Vice-presidente — José Rodrigues Figueiredo.

Thesoureiro—Antonio da Cunha Farraia.

Secretario—Manoel Gomes dos Santos Regeira

Vice-secretario — Manoel José dos Santos Anselmo.

Vogaes—João d'Oliveira Vaz e Antonio da Rocha Vieira.

Supplentes — Ricardo Henriques da Silva Ribeiro e Manoel André Boturão.

Conselho fiscal

Abel Augusto de Souza e Pinho.

José Rodrigues do Valle.

José Ferreira Malaquias

Antonio Ferreira.

Antonio Maria Valente Pereira Rosas.

Supplentes—Antonio Pinto Lopes Palavra e Manoel Rodrigues Pepulim Junior.

CONDE D'AGUEDA

Chegam á cidade d'Aveiro, no dia 18, de regresso de Lisboa, o snr. Conde d'Agueda, meretissimo governador civil do districto.

PENA DE MORTE

Na grandiosa eredita Republica Franceza, foi votada no parlamento, a conservação da pena de morte.

ENLACE

Realisou-se, na Sé do Porto, o enlance matrimonial da ex,ma snr. D. Maria da Gloria Lopes de Carvalho, cunhada do snr. dr. Salviano Pereira, da Cunha, distincto facultativo, e filha da ex.ma snr.a D. Maria Lopes de Carvalho, como o snr. Henrique Silva, importante proprietario, da freguezia d'Espargo, comarca da Feira.

Anhelamos-lhes um provir de felicidade.

«CAMPEÃO DAS PROVINCIAS»

Por unanimidade confirmou a Relação do Porto, a sentença proferida, em 20 d'outubro proximo findo, pelo tribunal collectivo da comarca d'Aveiro, contra aquelle nosso collega, por virtude de processo por abuso de liberdade d'imprensa contra, que lhe moveu o sr. Marques Castilho, ornamento do professorado do paiz.

A sentença condemnava o director do «*Campeão das Provincias*», o sr. Firmino de Vilhena em 50$000 réis de multa, 50$000 réis de indemnisação, e nas custas, e sellos do processo.

Consta que o tribunal de Aveiro, brevemente, terá que julgar processo identido.

PARTIDO FRANQUISTA

O snr. Conselheiro Vasconcellos Porto, ministro da guerra na situação franquista, foi, em reunião dos marechaes d'este partido ha dias effectuada, eleito chefe do partido Regenerador liberal.

Sua excellencia agradedeu a todos os correlegionarios presentes a alta posição a que o haviam elevado.

Cartas politicas

Foi publicada a 1.ª carta politica dirigida a S. M. El-Rei D. Manuel II, devida a penna fulgurantissima do eminente João Chagas.

BAPTISADO

Na porochial freguezia de S. Lourenço do Bairro, concelho d'Anadia, foi solemnemente baptisada, domingo preterito, pelas doze

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

Mila? exclamou Miguel, Mila está aqui?

—Pode ser que não esteja muito distante, responde o velho. Aposto em como ella tem velado toda a noite, tanta era a vontade que ella tinha de ver o baile!

Mas eu prohibi-lhe de sair antes de ser dia.

—Então, como é já dia, pode ser que ella esteja por aqui!

Meu pai, diga-me, uma mulher, talvez minha irmã, entrou ha pouco na gruta?

—Sonhaste isso? eu não vi ninguem; é verdade que nem sempre estive voltado para esse lado, e Mila podia entrar em quanto eu olhava para outra parte.

—N'este mesmo instante, quando o meu pai se approximava do reposteiro, sahia alguem, era mulher... não me engano.

—Agora sim, vejo que divagas! porque eu não vi senão a minha sombra no reposteiro.

Olha, do que precisas é d'um bom somno; entremos, é esta a ultima porta que tem de fechar-se. Se tua irmã estiver por ahi facilmente a encontraremos.

Miguel apromptou-se para acompanhar seu pai, e quando se afastava, pela ultima vez olhou para a gruta, vendo lá dentro brilhar não sabia o quê. Seria uma faulha cahida no tapete, junto do divan?

Approximou-se e apanhou uma joia que examinou á luz. Era um medalhão d'ouro cercado de brilhantes, com a monogramma da princeza, e dado por esta a Mila.

Abriu-o, para bem ter a certeza de que era o mesmo; e dentro reconheceu os seus proprios cabellos.

«Eu bem sabia que Mila tinha entrado na gruta, disse elle ao pai, caminhando ambos para o jardim; ella beijou-me, e o roçar de seus labios na minha face me despertou.»

—Effectivamente, Mila entrou na gruta. repetiu Pedro-Angelo com indifferença. mas eu não a vi.

Eis que no mesmo instante ella sahe d'um espesso canteiro de magnolias, e rindo e saltando se dirige a seu pai que abraça com ternura, e assim a Miguel.

«São horas de virem descançar, diz ella; eu vinha dizer-lhes que o almoço os espera.

Estava impaciente de vel-os! Está muito fatigado, meu pobre pai?»

—Absolutamente nada; estou habituado a isto, e uma noite perdida só dá prazer quando a ceia dura até á madrugada. Mas está aqui teu irmão a dormir em pé; vamos embora, filhos! Sahiamos, que se vão fechar as grades do jardim.

Porém, estas, em lugar de serem fechadas, os porteiros as abriram de par em par, e Miguel viu entrar uma procissão de frades de communidades differentes, e todos com alforges; eram os irmãos mendicantes de todas as ordens d'este genero que têm estabelecimentos em Catania e arrabaldes. Vinham dar a sua volta, e colher os restos do festim para seus respectivos conventos.

Desfilaram com passos vagarosos uns quarenta, quasi todos com um jumento para conduzir as esmolas.

A sua atitude respeitosa, os seus movimentos solemnes, quando transpunham as grades, escoltados por aquelles animaes, tinham algum tanto de tão imprevisto e de tão comico, que Miguel, distraido das comoções soffridas, muito a custo pôde suster o riso.

Mas, logo que estes capuchos entraram no jardim, rompendo as alas e sacudindo a fronte, erguida e discreta, deitaram a correr para a sala do baile, uns dando encontrões ao mais visinho para lhe passar á frente, outros com chicotadas apressando o passo dos jumentos, todos n'uma azafama, disputando o lugar, e deixando ver a sua cubiça e inveja.

Espalharam-se pela sala, cujas portas frageis quasi forçavam, para subir a escada principal do peristylo, ou introduzirem-se pelas cozinhas; mas o *maitre d'hotel* e seus ajudantes preparados para o assalto, e conhecedores de seus costumes, tinham tido o cuidado de barricar todas as sahidas, e trouxeram a ração que lhes era destinada e que foi distribuida com toda a parcialidade possivel.

Eram pratos de carne, restos de pasteis, canecas de vinho, e até bocados de copos, e porcelanas partidas durante o serviço, que elles recolhiam com todo o cuidado, e que concertavam com arte para enfeitar os seus bufêtes, ou vender aos amadores.

Entre elles faziam-se questões pouco discretas por causa do espolio, accusavam os creados de não lhes entregar o que de direito lhes pertencia, de tratarem milhor uns de que outros, de faltarem ao respeito ao santo padroeiro do convento, e até os ameaçavam com as infermidades que estes santos tinham a reputação de curarem especialmente quando se fazia por tornal-os favoraveis.

—Oh! que náco de presunto que me dás! exclamava um, tu és já surdo d'um ouvido, e podes contar que não tardará a não ouvires o trovão, do outro.

—Está aqui uma garrafa meia vasia, gritava outro. Não se ha-de rezar por ti na nossa ordem, e nunca serás curado da pedra, se fôres atacado d'esta doença.

Outros mendigavam gracejando e com gestos comicos que faziam rir os distribuidores, e mostravam tanto espirito e singeleza que os creados, disfarçadamente, lhes davam a milhor parte.

Miguel tinha visto em Roma bellos capuchos, perfumados, debaixo da sotaina fradesca, arrastando com poetica solemnidade as sandalias quasi iguaes aos sapatos do padre santo.

Os pobres frades da Secilia pareceram-lhe pouco asseados, muito grotescos, e tambem um bocadinho cynicos, quando cahiram, qual nuvem de córvos avidos e de pégas grasnadoras, sobre as migalhas d'este festim. Sem embargo, alguns agradaram-lhe pela sua phisionomia arrojada, e intelligente. Era ainda o povo siciliano sob o burel do claustro, nobre raça que o jugo curvou, mas nunca pôde aniquilar.

O joven artista voltou á sala do baile para assistir a este espectaculo e observar os incidentes com a attenção d'um pintor que tudo aproveita.

(Continua.)

Clara de Miranda.